

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 500 exemplares  
Depósito Legal: 433460/17  
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial

  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

  
LISBOA  
UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

  
LETRAS  
LISBOA

  
FACULDADE DE CIÊNCIAS  
SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

  
FUNDAÇÃO  
MILLENNIUM  
BCP

# FOSSAS, FORNOS OU SILOS? O CONTRIBUTO DO BARRANCO DA HORTA DO ALMADA 1 (BEJA) PARA A DEFINIÇÃO CRONOLÓGICA E FUNCIONAL DAS ESTRUTURAS NEGATIVAS MESOLÍTICAS E NEOLÍTICAS

Ana Rosa<sup>1</sup>, Mariana Diniz<sup>2</sup>

## RESUMO

A investigação acerca dos modelos de ocupação das populações antigas durante o período que compreende, grosso modo, o Mesolítico e o Neolítico tem ganho novos contornos com a identificação de aglomerados de estruturas em negativo, cuja função no espaço ainda não está totalmente clarificada. Fossas, fornos ou silos? Esta questão, destacada recentemente (Diniz, 2013), merece agora uma nova reflexão após a identificação do sítio Barranco Horta do Almada 1, em Beja, ter fornecido um manancial de informação de excepção para o conhecimento destes contextos, no Sul de Portugal, que aqui se apresenta.

**Palavras-chave:** Estruturas negativas, Fornos/silos, Mesolítico, Neolítico.

## ABSTRACT

The investigation of the occupation patterns of the ancient populations during the period that comprehends the Mesolithic and the Neolithic has gained new contours with the appearance of clusters of negative structures, whose function in the space is not yet fully clarified. Fosas, ovens or silos? This question, recently highlighted (Diniz, 2013), deserves a new reflection after the identification of the Barranco Horta do Almada 1 site in Beja, have provided a source of information of exception for the knowledge of these contexts in the South of Portugal that here are Presents.

**Keywords:** Pits, Ovens, Mesolithic, Neolithic.

## 1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o significado de estruturas negativas, presentes isoladamente ou em grandes núcleos, têm constituído tema central de discussão para o período cronológico que abarca genericamente o Mesolítico e o Neolítico do Sul português. Os vestígios identificados entre a costa sudoeste e o interior alentejano tornaram-se as referências de base bibliográfica para classificar novas estruturas e novos sítios, apesar do pouco consenso existente entre

os diversos autores que ora entendem tratar-se de fornos, ora de silos. A informação disponível ainda se apresenta, por isso, algo vaga no sentido em que carece de uma análise mais fina para compreender a sua real função no espaço e no seio das populações que as constroem. Uma primeira tentativa de abordagem global partiu de um trabalho apresentado por Mariana Diniz (2013) que coloca, de facto, ênfase na sua interpretação através de uma questão, ao mesmo tempo, complexa e simples: que funcionalidade atribuir a estas estruturas?

1. Mestranda em Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa; ana\_vs\_Cristina@hotmail.com

2. UNIARQ – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa e Associação dos Arqueólogos Portugueses; m.diniz@fl.ul.pt

## 2. LEITURA DOS DADOS DO BARRANCO HORTA DO ALMADA 1 PARA A COMPREENSÃO DAS ESTRUTURAS EM ARGILA

O Barranco Horta do Almada 1 (BHA 1) foi identificado, em 2014, durante trabalhos arqueológicos preventivos, no âmbito do Projecto Circuito Hidráulico Baleizão-Quintos e respectivos blocos de rega, executado pela EDIA, S.A. Do ponto de vista administrativo, o sítio situa-se na freguesia de Santa Clara do Louredo, concelho e distrito de Beja (Figura 1).

A intervenção realizada no local permitiu reconhecer uma concentração de 53 estruturas em negativo, entre as quais, se destacam 45 em argila e que se impõem como uma enorme interrogação numa área onde, até agora, não se haviam registado evidências arqueológicas enquadradas em períodos tão recuados. Trata-se de estruturas abertas quer no solo (arqueologicamente estéril), quer directamente no substrato geológico, de plantas de feição ovaladas, circulares ou trapezoidais. Várias características denunciam uma exposição prolongada à acção do fogo, desde logo, pelo aro alaranjado que contorna a boca das estruturas. Da mesma forma, o conteúdo interno é composto por um empedrado que aparenta ter servido como uma placa térmica. Estes elementos pétreos podem apresentar-se dispersos ou imbricados, dispostos no nível de base ou preenchendo por completo a estrutura. As paredes internas estão revestidas com uma espessa camada de barro, cujas altas temperaturas a que estiveram sujeitas, lhe conferiram uma tonalidade laranja. Em termos de dimensões, oscilam entre os 0,80m e 1,20m de comprimento, 0,30m e 0,80m de largura e 0,20m e 0,60m de profundidade.

A descrição efectuada para as estruturas do BHA 1 poderia aplicar-se a tantos outros conjuntos que têm surgido nas últimas décadas. No entanto, verifica-se que, independentemente de constituírem pequenos grupos de 1 a 10 estruturas – inseridas em contextos habitacionais, eminentemente domésticos (Tabela 1) – ou núcleos de 20, 50 ou 100 – que apontam para uma utilização intensiva, quase “industrial” e sem outros vestígios habitacionais (Tabela 1) – os autores têm entendido estes sítios como funcionalmente equivalentes não distinguindo as que podem ser classificadas como estruturas domésticas destinadas a um uso único e imediato e o que são verdadeiros recintos de produção “massiva”.

Nesse sentido, os vestígios identificados, por exemplo, no Povoado da Salema (Silva e Soares, 1981), Habitat das Carvalheiras (Robalo e Osório, 2006), Lajinha 8 (Gaspar, 2009) ou Habitat do Reguengo (Oliveira, 2011), não devem ser no quadro das actividades que os grupos mesolíticos/neolíticos desenvolvem comparados aos intervencionados em Defesa de Cima 2 (Santos e Carvalho, 2007) ou Cova da Baleia (Sousa, 2008) (Tabela 1).

As estruturas ainda que tipologicamente semelhantes adquirem significados sociais distintos consoante o contexto arqueológico em que se inserem, para além da funcionalidade específica, a própria cronologia destas estruturas ainda está em discussão. Se, por um lado, tem sido aceite enquadrar as estruturas em argila dentro das práticas das sociedades neolíticas as datações obtidas para a Cova da Baleia (Sousa e Gonçalves, 2015), permitiram recuar as datações para o Mesolítico Inicial, confirmando as suspeitas já colocadas para Defesa de Cima 2 (Diniz, 2013). Nesse sentido, cai por completo a ideia de que “as estruturas de barro cozido não são características dos sítios escavados e datados do Epipaleolítico” (Cruz, 2015:307), abrindo-se assim a possibilidade de estas estruturas terem feito parte de sítios ocupados por comunidades de caçadores-recolectores? Os dados obtidos no BHA 1, apresentados recentemente pelas autoras (Rosa e Diniz, 2016), ainda que de forma preliminar, tendem a confirmar esta hipótese. O espólio exumado do interior destas estruturas consiste em materiais em pedra lascada, envolvendo a exploração das rochas siliciosas locais, com prevalência para o quartzo e o quartzito. Neste aspecto, está patente uma debitage de carácter expedito, com uma frequência bastante considerável de fragmentos, esquirolas e pequenas lascas. O talhe de pedra vocacionado para o fabrico de utensílios é um dado adquirido nestes sítios, ao contrário da cerâmica que não está presente ou é demasiado residual para ser considerada de relevância para o estudo do funcionamento destas áreas. No BHA 1, os pontuais fragmentos de cerâmica não estão associados directamente a estruturas negativas e a pedra afeiçãoada, identificada em posição secundária, assume uma importância de segundo plano. O volume de líticos (273 registos) é largamente superior à cerâmica (sete registos), logo, este conjunto cerâmico não parece constituir uma amostra suficientemente representativa para definir a cronologia de ocupação do sítio. De um modo geral, a presença destes

artefactos é fóssil-director por excelência, ainda que neste sítio se possa questionar até que ponto serão estes fragmentos contemporâneos à utilização destes fornos/silos?

A escavação no BHA 1 forneceu também alguma fauna onde foi identificada a presença de lebre (*Lepus sp.*), veado (*Cervus elaphus*) e bovídeo – boi ou auroque (*Bos sp.*). Apesar do carácter diminuto da amostra, não está indiciado o consumo de espécies domésticas, ao contrário do que sucede em áreas como Xarêz 12 (Gonçalves, Sousa e Marchand, 2013), onde está atestada uma ocupação do Neolítico Final. As arquiteturas de fornos em positivo, estão efectivamente associadas a sociedades produtoras de alimentos (Gonçalves, 2003), mas qual a exacta cronologia/cronologias de ocupações como a de BHA 1, Cova da Baleia e Defesa de Cima 2?

No BHA 1 a recolha de vestígios orgânicos, tão escasos nos outros locais, contribuirá para a realização de datações absolutas que podem contribuir para o esclarecimento desta questão fundamental.

A disposição aleatória das estruturas e a afectação, nalguns casos, de umas sobre as outras demonstra várias fases de construção, ou seja, não se verifica um momento de utilização/abandono mas a necessidade de regressar ao local e reutilizar, reconstruir. O número de estruturas identificadas no BHA 1 assenta numa organização quase “industrial”, sugerindo que o sítio serviria um propósito específico, apresentando condições óptimas, em determinada altura do ano, para o processamento sistemático e recorrente de algum produto, ainda por esclarecer, mas com um forte impacto nas actividades dessas comunidades. Esta hipótese é coadjuvada pela ausência de vestígios habitacionais, nesse sentido, estaremos perante populações que se deslocam, com probabilidade, sazonalmente com vista a uma permanência temporária. Os núcleos de estruturas formados no BHA 1 revestem-se efectivamente de uma certa particularidade que não se terá ajustado aos grupos que se movimentaram posteriormente neste espaço. A utilização de um forno/lareira tem uma função transversal no tempo, mas após o seu abandono o sítio é pontualmente ocupado para fins totalmente distintos, como se viu para os dois enterramentos humanos aí identificados.

A informação passível de ser extraída do BHA 1 é de extrema importância para a investigação das estruturas tidas, inconclusivamente, como fornos/silos. Para o BHA 1, a ausência de sementes e instrumentos

relacionados com as práticas agrícolas e/ou de recolção parece excluir o seu uso como silo. A construção da fossa aponta para a categoria forno, e dado os sinais de combustão que apresentam esta parece uma proposta adequada, mas leva-nos a outra questão: a de saber como são utilizados estes fornos uma vez que os restos faunísticos não apresentam indícios de exposição ao fogo. Em suma, os sítios de fossas do BHA 1, Cova da Baleia e Defesa de Cima 2 poderão corresponder a um quadro de acções/funções que ainda está fora do nosso alcance.

## BIBLIOGRAFIA

CRUZ, Ana (2015) – A Pré-História Recente do Vale do Baixo Zêzere, in GONÇALVES, V.S.; DINIZ, M.; SOUSA, A.C. (eds.), *5º Congresso de Neolítico Peninsular*. Actas, Lisboa: UNIARQ, pp. 306-313.

DINIZ, Mariana (2013) – Fossas, Fornos, Silos e outros meios de produção: acerca da implantação das práticas produtivas no Neolítico Antigo em Portugal, *Arqueologia em Portugal – 150 anos*, AAP, Lisboa, pp. 319-326.

GASPAR, Rita (2009) – *Estudo petroarqueológico da utilização lítica do sítio arqueológico Lajinha 8 (Évora, Portugal). Análise de proveniências*. Mestrado em Geoarqueologia. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. (Repositório UL <http://repositorio.ul.pt>)

GONÇALVES, Victor S. (2003) – Comer em Reguengos, no Neolítico. As estruturas de combustão da Área 3 de Xarêz 12, in GONÇALVES, Victor S. (ed), *Trabalhos de Arqueologia 25 – Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo*, Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo, IPA, Lisboa, pp. 81-99.

GONÇALVES, Victor S.; SOUSA, Ana Catarina; MARCHAND, Grégor (2013) – *Na margem do Grande Rio. Os últimos grupos de caçadores-recolectores e as primeiras sociedades camponesas no Guadiana médio*. Memórias d’Odiva, volume 12, 2ª Série, Évora.

OLIVEIRA, Jorge de (2011) – Trabalhos Arqueológicos na Coudelaria de Alter, *Arqueologia do Norte Alentejano – Comunicações das 3ªs Jornadas*, Edições Colibri/C.M. Fronteira, Lisboa, pp. 45-61.

ROBALO, Elisabete; OSÓRIO, Marcos (2006) – Achegas para o estudo do povoamento calcolítico na Beira Interior. O pequeno habitat das Carvalheiras (Sabugal), *Cultura e Ciência*, Nº 8, Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, pp. 205-226.

ROSA, Ana (2015) – *Relatório Final dos Trabalhos de Escavação do Barranco Horta do Almada 1 (Beja)*, Abran-Ark, Lisboa.

ROSA, Ana; DINIZ, Mariana (2016 – *O sítio de fornos do Barranco Horta do Almada 1 (Santa Clara do Louredo) – primeiros dados acerca da ocupação pré-histórica*, Comunicação apresentada em 4 de Novembro de 2016 no IX Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular realizado em Tróia.

SANTOS, Filipe João Carvalho dos; CARVALHO, Pedro Sobral de (2007) – O Sítio Neolítico da Defesa de Cima 2 (Torre de Coelhoiros, Évora): primeiros resultados, *Vipasca Arqueologia e História*, N<sup>o</sup>2, 2<sup>a</sup> Série, Aljustrel, pp. 56-68.

SILVA, Carlos Tavares; SOARES, Joaquina (1980) – Neolítico Antigo na área de Sines, *Descobertas Arqueológicas no Sul de Portugal*, Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, Setúbal, pp. 5-12.

SOUSA, Ana Catarina (2008) – Arqueologia na A21: uma análise preliminar dos trabalhos arqueológicos 2004-2007, *Boletim Cultural*, Mafra: Câmara Municipal, pp. 411-497.

SOUSA, Ana Catarina; GONÇALVES, Victor (2015) – Fire walk me. O sítio da Cova da Baleia e as primeiras arquitecturas domésticas de terra no Centro e Sul de Portugal, in GONÇALVES, V.S; DINIZ, M; SOUSA, A.C. (eds.), *5<sup>o</sup> Congresso de Neolítico Peninsular*. Actas, Lisboa: UNIARQ, pp. 123-142.

Sítio	Interpretação	Estruturas			Contexto
		Número	Cronologia avançada	Referência bibliográfica	
Povoado da Salema	Silos	2	Neolítico Antigo/Médio	Silva e Soares, 1981.	Doméstico
Defesa de Cima 2	Silos	22	Neolítico Final	Santos e Carvalho, 2007.	“Industrial”
Lajinha 8	Fornos	14	Neolítico Antigo	Gaspar, 2008.	“Industrial”
Xarez 12	Fornos	33	Neolítico Antigo/Médio	Gonçalves, Sousa e Marchand, 2013.	“Industrial”
Cova da Baleia	Fornos	104	Mesolítico Antigo	Sousa, 2008; Sousa e Gonçalves, 2015	“Industrial”
Habitat do Reguengo	Fornos	2	Neolítico Antigo	Oliveira, 2011	Doméstico
Habitat das Carvalheiras	Fornos	10	Neolítico Antigo	Robalo e Osório, 2006	Doméstico
BHA 1	Fornos	45	Mesolítico?	Rosa, 2015; Rosa e Diniz, 2016	“Industrial”

Tabela 1 – Tabela síntese com os principais sítios identificados com estruturas em argila tipo fornos, no Sul de Portugal.

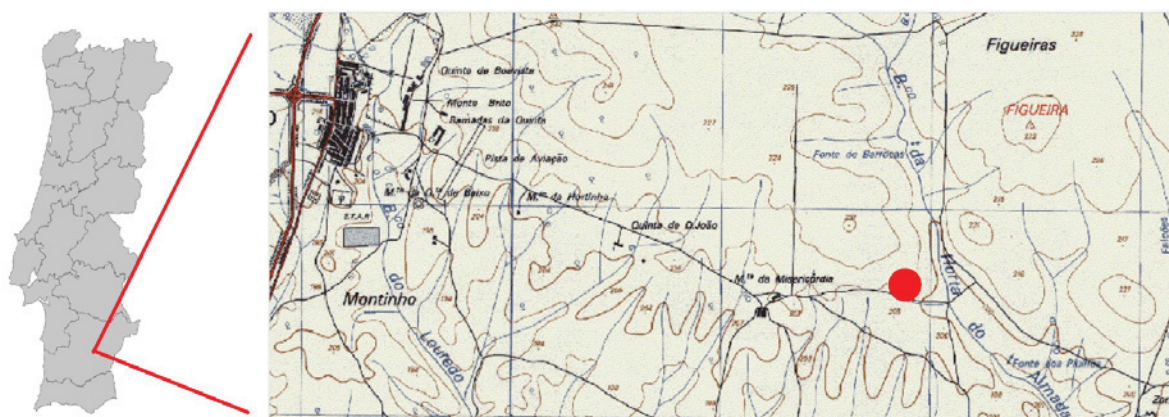
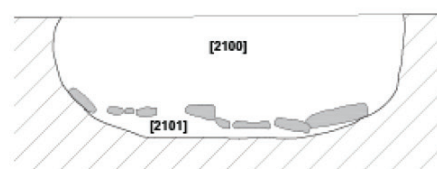
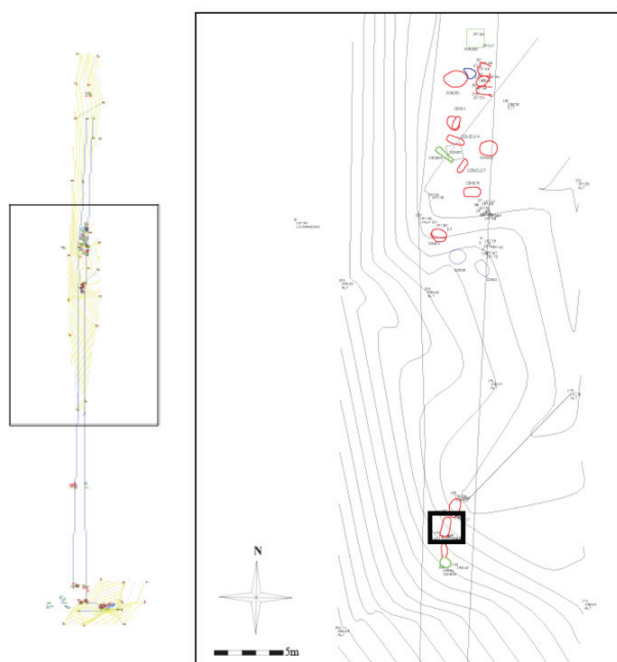


Figura 1 – Localização do BHA1 em excerto de CMP, folha 532, à escala 1/25000 – modificado.

BHA 1 - Estrutura 21



Planta geral com indicação de Estrutura 21.



Perfil longitudinal.



Parede interna revestida de argila.

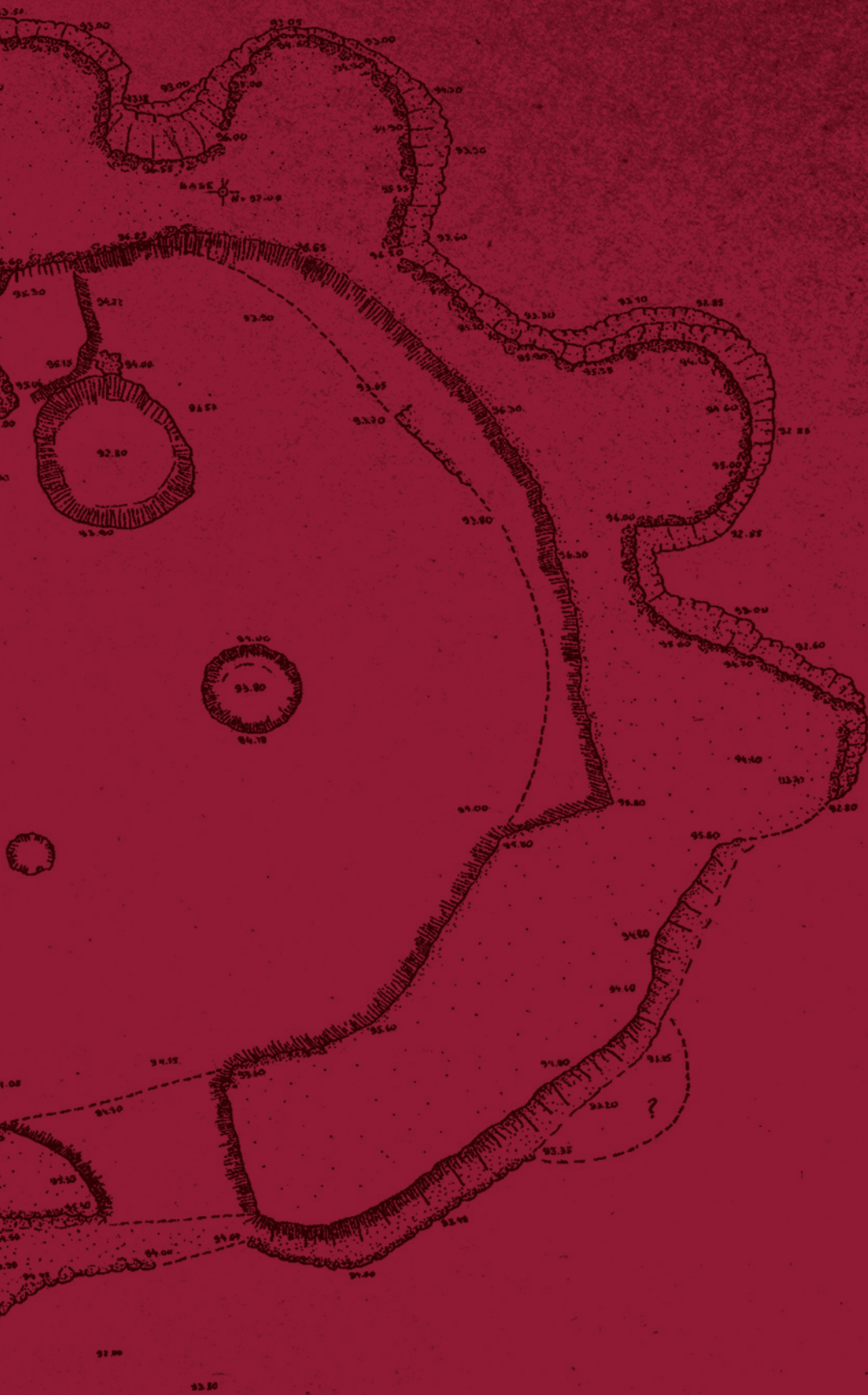


Lascas em quartzito.



Lascas em quartzo.

Figura 2 – O exemplo da Estrutura 21 no âmbito das estruturas em argila intervencionadas no BHA1.



Patrocinador oficial